LEMBRANÇAS DE MULHER: LITERATURA, HISTÓRIA E SOCIEDADE EM CORA CORALINA

Clovis Carvalho Britto[1]

Resumo: Este artigo pretende analisar as interconexões entre literatura, história e sociedade no poema "Do Beco da Vila Rica", de Cora Coralina (1889-1985). Nele, observa-se como a poetisa registrou, através da memória dos becos, a história de mulheres do interior brasileiro nos séculos XIX e XX sob o olhar da periferia, dos que estavam à margem na considerada "boa sociedade", enfim, a partir dos becos, válvulas coronárias de sua velha cidade.
Palavras-chave*:* poesia, história, memória.

Abstract: This paper intends to analyze the interconnections between literature, history and society in the poem Do Beco da Vila Rica of Cora Coralina (1889-1985). In it, observe as the poetess registered, through the memory of the alleys, the history of women of the brazilian interior in centuries XIX and XX under the look of the periphery, of that they were to the edge in considered "the good society", at last, from the alleys, coronary valves of its old city.
Key-words*:* poetry, history, memory.

Uma leitura dos significados fornecidos pela poesia de Cora Coralina (1889-1985) conduz à identificação de importantes aspectos da história e da sociedade goiana. A longevidade da autora contribuiu para que sua obra manifestasse distintas influências e retratasse elementos que, em conjunto, possibilitam recompor as relações entre gêneros, classes e gerações, as disputas pelo poder, as representações dos modos de vida, valores e crenças, enfim, as mediações entre os indivíduos e a sociedade na qual esteve inserida. As imagens tecidas através de sua criatividade ampliam as perspectivas de análise das lutas travadas nos séculos XIX e XX no interior brasileiro e, em um diálogo entre texto poético e contexto sócio-histórico, denunciam e refletem entraves e belezas, desnudando múltiplas e silenciadas nuanças da sociedade goiana.

A cidade de Goiás se transformou em palco para o estabelecimento desta memória repleta de significados, captados e reconstruí-

[1] Doutorando em Sociologia pela Universidade de Brasília (UnB). Linha de pesquisa: Arte, Cultura e Pensamento Social. Mestre em Sociologia pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Estuda as interconexões entre literatura e sociedade, com destaque para a lírica brasileira de autoria feminina. E-mail: clovisbritto5@hotmail.com

dos por Coralina entre um exercício de afetividade e percepção crítica. Conforme ensina Machado (2002), a cidade possui aspectos físicos e uma vida interior, em um mecanismo contínuo que funde a vida com sua configuração espacial. Dessa forma, os aspectos urbanísticos constituiriam fio condutor para a compreensão do que a pesquisadora define como cidade-vida, cidade-história, cidade-sociedade, cidade-cultura.

É em busca desta cidade em suas múltiplas dimensões que o presente artigo se desenvolverá. Pretendemos, a partir da análise do poema "Do Beco da Vila Rica" no livro *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais* (CORALINA, 2001a), evidenciar as relações ocorridas na sociedade goiana e perceber o que a cidade e seus habitantes têm a dizer através dos versos de Aninha.

Constatamos que dentre as cenas repletas de conteúdo sociológico, as imagens do beco se sobressaem no imaginário da autora. Em vários poemas e contos a vida da cidade é traduzida a partir da vida nos becos, dos personagens que neles residem e circulam, das relações e reações que provocam como palco ou bastidor.

Após definir a caracterização do lugar, dos personagens e destinos, em uma espécie de considerações iniciais sobre a cidade-vida e suas relações, Coralina deteve sua análise na tematização de um beco em especial, o Beco da Vila Rica*,* fonte de um rico imaginário em virtude talvez de ser o mais próximo de seu cotidiano, que interage com os fundos da Casa Velha da Ponte. Eis o poema:

> *No beco da Vila Rica*
> tem sempre uma galinha morta.
> Preta, amarela, pintada ou carijó.
> Que importa?
> Tem sempre uma galinha morta, de verdade.
> Espetacular, fedorenta.
> Apodrecendo ao deus-dará.
>
> No beco da Vila Rica,
> ontem, hoje, amanhã,
> no século que vem,
> no milênio que vai chegar,
> terá sempre uma galinha morta, de verdade.
> Escandalosa, malcheirosa.
> Às vezes, subsidiariamente, também tem
> - um gato morto (CORALINA, 2001a, p. 96, grifo nosso).

As percepções de outros poemas são aqui ampliadas, agregando valores ao cenário e inserindo a idéia do beco como representativo da tradição. É o lugar da degradação, do resíduo que agride pelo mau cheiro e pela perenidade. Esta perenidade é caracterizada pela autora quando destaca as origens do desprezo pelos becos e realiza a projeção futura: "ontem, hoje, amanhã, no século que vem, no milênio que vai chegar terá sempre uma galinha morta". Suas imagens remetem ao imobilismo de Goiás, ao conservadorismo onde o passado e o presente fecham as perspectivas de mudanças.

Cora Coralina oferece no poema dois eixos sociologicamente significativos. O primeiro é a ampliação da descrição do lugar: o beco como representativo do conservadorismo e como baliza da cidade, referência e limite. O segundo eixo caracteriza a função dos becos como meio de as mulheres circularem e lugar dos segregados, revelando o modo de vida do elemento feminino, que deveria ser "resguardado a sete chaves", não se expondo, traduzida na autorização dos mais velhos para sair e entrar pelos portões dos becos, cobertas com o xale e através das janelas de tabuleta.

O beco: lixo e boninas

A poetisa não deixa escapar as idéias do beco como portador do contraditório, onde convive a podridão do lixo e boninas perfumadas, e manifesta uma das idéias centrais do poema quando adjetiva Vila Rica de baliza da cidade:

> No beco da Vila Rica tem
> velhos monturos,
> coletivos, consolidados,
> onde crescem boninas perfumadas.
> Beco da Vila Rica...
> Baliza da cidade,
> do tempo do ouro.
> Da era dos "polistas",
> de botas, trabuco, gibão de couro.
> [...]
> A estória da Vila Rica
> é a estória da cidade mal contada,
> em regras mal traçadas.
> Vem do século dezoito,
> Vai para o ano dois mil.

> Vila Rica não é sonho, inventação,
> imaginária, retórica, abstrata, convencional (CORALINA, 2001a, p. 96-97).

O beco como baliza tanto significa uma referência quanto um limite. Referência histórica ao ser situado no tempo, em diversas épocas: mineração, entradas e bandeiras, escravidão, abolição, entre outras, possibilitando compreender a sociedade através das cenas subterrâneas de Goiás. Ao mesmo tempo constitui em limite físico, pois separa os ambientes públicos e privados, e social, ao segregar e se tornar o abrigo dos marginalizados. Ao desenhar esse perfil, Coralina define o beco como relicário da história. Em suas entrevistas, constantemente apresentava a ressalva "estória 'sem h', porque não sou historiadora nem memorialista, apenas e sempre a estória do cotidiano – verdades e mentiras" (CORALINA, 2001b, p. 05). As palavras demonstram seu processo de criação e, consequentemente, contribuem para a proposta deste artigo. Ao definir os becos como portadores da estória da cidade e ao descrever a estória como veículo das verdades e mentiras do cotidiano, a autora demonstra que suas poesias se basearam tanto na história documentada, quanto na história oral, nas coisas que "ouviu dizer".

É interessante observar como a autora realizou a composição da obra: "na falta do exato, forte e bem configurado, conto o que ouvi e a mais não estou empenhada, que história indagada, perquirida, é difícil na minha cidade, com papéis perdidos, roídos de traça e cupins, mofados de goteiras... Nem eu tenho jeito de historiadora" (BUENO, 2002, p. 51). Sua fonte principal era a oralidade, todavia, algumas vezes, retirava a matéria da história documentada, a exemplo da citação inédita encontrada no original de um de seus contos, quando descreve a decadência da mineração:

> os veeiros se aprofundando na terra e a impossibilidade física de os alcançar. Não havia técnica nem recursos, senão o braço escravo inoperante, frente às dificuldades insuperáveis: a força muscular. Ver o livro de Palacin *Goiás -1722-1822* (Caderno/diário n. 5, 1981, p. 5).

Outro exemplo é o conto "Correio Oficial de Goiás" em que utilizou matérias de jornal para tecer a trama:

> começo a leitura dessa crônica me reportando ao número 179 do '*Correio Oficial de Goiás*', de 1.° de maio de 1839, número de quarta-feira e que, segundo esclarece o seu minucioso cabeçalho, se publica às quartas e aos sábados na Tipografia Provincial (CORALINA, 2001c, p. 73).

Essas informações fortalecem a afirmação de que a história dos becos seria a "estória da cidade mal contada", pois não se encontra inserida nos "autos oficiais do passado". Para Cora Coralina, a história da cidade se pauta no conservadorismo, em um conjunto de discursos característicos da involução e do preconceito, pois dialoga com a das vidas destinadas ao confinamento nos becos. Portanto, deve ser lida não apenas nos registros oficiais, mas em seus interstícios, nas relações cotidianas de classe, gênero, poder, cor e geração:

> Interessante nesse sentido é a opção da autora pela palavra *estória* para denominar a sua produção, seja a vazada em verso ou em prosa. Hoje nos parece imprópria a distinção entre história/estória. Isso porque já caiu no vulgo que a história, mesmo e, sobretudo, aquela escrita com H, não passa de uma interpretação do passado, sendo, portanto, relativa, ficcional, e que a estória, assumidamente ficcional, muita vez, desvela o passado de uma maneira muito mais "verdadeira" que as histórias que se querem factuais. [...] Mas Cora escreve em uma época em que essa diferença ainda é sustentada e a poetisa mantém a denominação de estórias para os autos do passado por ela recuperados literariamente. [...] Negando-se a ser uma historiadora e assumindo-se como uma legítima contadora de estórias, Cora termina por subverter a memória coletiva oficializada, por promover um rearranjo da história. [...] A estória, em Cora, é contra a história. Contra uma história e uma memória coletiva uniformizadoras e opressoras (YOKOZAWA, 2002, p. 6-7).

As reflexões da poetisa ultrapassam a definição dos becos como baliza/referência da história, retratando-os também como baliza/limite. Inicialmente, um limite físico representado pelos muros, portões e pelo lixo que incomodava. Depois um limite social, demonstrado pelas proprietárias dos muros - velhas donas herdeiras da tradição que se protegiam da vida/morte dos becos através do exercício de repor as telhas destruídas e manter seus portões fechados - e pelas pessoas que neles viviam ou aproveitavam do que o lixo poderia ofe-

recer como as boninas utilizadas pelas meninas pobres:

> Velhos portões fechados.
> Muros sem regra, sem prumo nem aprumo.
> (Reentra, salienta, cai, não cai,
> entorta, endireita,
> embarriga, reboja, corcoveia...
> Cai não.
> Tem sapatas de pedras garantindo.)
> Vivem perrengando
> de velhas velhices crônicas.
> Pertencem a velhas donas
> que não se esquecem de os retalhar
> de vez em quando.
> E esconjuram quando se fala
> em vender o fundo do quintal,
> fazer casa nova, melhorar.
> E quando as velhas donas morrem centenárias
> os descendentes também já são velhinhos.
> Herdeiros da tradição
> - muros retelhados. Portões fechados (CORALINA, 2001a, p. 97-98).

A referência às "velhas donas herdeiras da tradição" indica a idéia de um aparente matriarcado na cidade de Goiás. A preponderância da autoridade feminina é citada devido a um grande número de mulheres solteiras - havia uma "lei familiar em Goiás, uma das filhas renunciar ao casamento para cuidar dos pais na velhice e reger a casa" (CORALINA, 2001d, p. 91) - e viúvas, em virtude dos homens geralmente se ocuparem com trabalhos fora da cidade. Em *As três faces de Eva na cidade de Goiás*, Bittar (2002) estuda a condição feminina a partir de três tipos ideais: a mulher intelectual, a concubina e a matriarca. Compete destacarmos que o exemplo de mulher "matriarca" utilizado no estudo de caso foi a senhora Jacyntha Luiza do Couto Brandão, mãe de Cora Coralina.

De acordo com Gomes (2004), as mulheres sempre tiveram um papel de destaque na cidade de Goiás, tanto na participação doméstica, quanto fora do lar, e a vida de Cora Coralina, por ter se passado entre oito mulheres, teria contribuído para que a poetisa se tornasse um marco na luta pela expansão feminina na cidade. Todavia, conforme referido, era apenas uma falsa idéia de matriarcado visto que

> através do exercício da autoridade, adquire muito poder no

> espaço doméstico e acaba por adquiri-lo, também, no espaço público, na medida em que consegue independência econômica através do trabalho que exerce fora de casa. [...] Por outro lado [...] as mulheres elevam a figura e a força do homem, reforçando sua construção de mandonismo masculino; e os homens, por sua vez, valorizam a mulher, estabelecendo-se, a partir daí, um espírito de cumplicidade e amizade. A vilaboense/matriarca comporta-se como uma pseudoprisioneira, reforçando, no homem, uma característica machista que visa atender a costumes tradicionais, mais do que à própria realidade (BITTAR, 2002, p. 160-162).

O beco: limite físico e social

Cora Coralina retratou os portões como "sentinelas imutáveis dos becos", traduzindo o conservadorismo e reafirmando a idéia da baliza/limite físico e social. A autora evocou um tempo em que os becos não eram destinados ao confinamento dos marginalizados, mas serviam como meio de comunicação e circulação das mulheres das "famílias de conceito". Também consistia em cenário onde não se podia circular livremente - era necessário o consentimento dos mais velhos – e onde através dos portões "rígidos, velhíssimos, caruncha-dos, trancados a chave, escorados por dentro, chavões enormes..." se preservava a intimidade das famílias estabelecidas. Apesar de se tornar, desde a origem, um lugar secundário, a escritora o elege como prioritário por reconhecê-lo portador da vida que sustenta em sua capilaridade o "coração" da cidade.

Fonte de abandono e tristeza, o beco coleta em seu subterrâneo o esgoto da cidade. Coralina utiliza-se desta realidade para explicar a origem do nome Vila Rica e se detém aos hábitos familiares ligados aos portões. Tais hábitos revelam as práticas de violência e controle destinadas às mulheres que, do século XVIII até o início do século XX, eram submissas a ponto de não poderem circular pela cidade. Para tanto, descreve a função dos becos como forma de censurar a exposição feminina.

Cora Coralina explica que anteriormente os becos e portões serviam como meio das mulheres se resguardarem, movimentando-se através dos fundos dos quintais pela entrada de serviço, jamais inte-

grando a paisagem das ruas principais e dos largos. Descreve alguns "costumes sociais interessantes", a exemplo dos rituais de mandar portador de confiança para solicitar a liberação para visitas, passeios ou participar de festas religiosas. São rituais que, conforme relata a poetisa, foram "conservados através de gerações" e contribuem para a visualização do cotidiano e da mentalidade da mulher de sua época:

> Andar pelas ruas. Atravessar pontes e largos,
> as moças daquele tempo eram muito acanhadas.
> Tinham vergonha de ser vistas de "todo o mundo"...
> [...]
> Era comum portador com este recado:
> - "Vai lá na prima Iaiá, fala pra ela
> mandar abrir o portão, depois do almoço,
> que vou fazer visita pra ela..."
>
> Costume estabelecido:
> Levar buquê de flores.
> Dar lembrança, dar recado.
> Visitas com aviso prévio.
> Mulheres entrarem pelo portão.
> Saírem pelo portão.
> Darem voltas, passarem por detrás.
> Evitarem as ruas do centro,
> serem vistas de todo o mundo (CORALINA, 2001a, p. 105).

As mulheres não deveriam "andar pelas ruas, atravessar pontes e largos" e nem serem "vistas de todo o mundo". Em *Becos de Goiás,* a autora acenou as características gerais dos becos e sua função de repositório dos marginalizados na primeira metade do século XX.

A imagem do beco evidencia a consciência crítica da poetisa. É o relicário da história e, por isso, os sentimentos provocados para intitular seu primeiro livro *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais.* A partir dos becos, Coralina construiu as outras estórias e histórias revelando Goiás – cidade e Estado – para além da Serra Dourada e dos limites do Paranaíba.

Mais do que matéria para poesias, os becos sempre estiveram presentes no cotidiano dos moradores da cidade de Goiás. A cidade foi reconhecida pela UNESCO como Patrimônio Mundial por representar um testemunho da ocupação e da colonização do interior do Brasil. Nos critérios apresentados na *Proposta de inscrição da cidade de*

Goiás na Lista do Patrimônio Mundial (BRASIL, 1999), sua concepção urbana seria um exemplo típico de cidade colonial adaptada às particularidades do ambiente com a utilização de materiais típicos da região na formação um conjunto único. Traduziria o modo de vida adotado pelos exploradores e fundadores de cidades portuguesas e seria o último testemunho da ocupação do Brasil da forma praticada nos séculos XVIII e XIX. Nesse entendimento, Goiás possui uma estrutura urbana e arquitetônica típica das populações da América do Sul, sendo o primeiro núcleo oficializado e a primeira vila a se organizar a oeste da linha demarcatória do *Tratado de Tordesilhas*, influenciando toda uma região e constituindo testemunho de um período fundamental da história brasileira.

Segundo Coelho (1999), na estruturação da cidade de Goiás, existem vários elementos que contribuíram para que o espaço se organizasse da forma como se encontra atualmente. Tais elementos seriam característicos do modo habitual de organização das cidades no território da metrópole, com influências de origem européia cristã e árabe. As ruas teriam sido definidas a partir da construção dos edifícios de parede-meia que acompanhavam as ondulações do terreno e formaram uma organização própria com marcantes influências portuguesas. Como conseqüência desse ordenamento ruas irregulares interligam entre si por becos muitas vezes sem saída, geralmente atendendo à parte posterior ou de serviço das residências.

Para o autor, o traçado de Goiás, apesar de irregular mantém certa coerência e, definindo as prováveis influências arquitetônicas, revela que os becos estão mais próximos da arquitetura árabe denominada adarve do que de qualquer elemento ocidental. Citando Goitia, descreve que o adarve seria a negação da rua como valor estrutural, visto que não tem saída, nem continuação, servindo apenas ao interesse privado, compreendido como o conjunto das casas em cujo interior se penetra através de sua passagem. Originalmente os becos teriam a função de atender um número restrito de residências como acesso de serviço. Formados por detrás das ruas principais, funcionavam urbanisticamente como solução para a existência das extensas quadras e entrada de serviçais e animais. Os becos ligavam ruas e eram ladeados pelos muros dos quintais e, em algumas situações, possuíam a função de escoamento das águas de rios e córregos (Cf. BRITTO, 2006 e 2007).

Todavia, os becos passaram a ter outra finalidade que superou

a de simples acesso de serviço. A estagnação econômica em virtude da decadência da mineração, da crise do sistema oligárquico e, posteriormente, da mudança da capital para Goiânia contribuiu para que a considerada "boa sociedade" parcelasse seus terrenos. Pequenas casas foram construídas no fim de alguns quintais onde havia apenas muros e portões e lentamente se transformaram em locais dos marginalizados e destino de ações condenadas pela moralidade dominante. Os becos que anteriormente serviam como meio de passagem e entrada de serviço, com a construção das residências isoladas ou distanciadas, tornaram-se locais de transgressão, conflito e desordem. Discorrendo sobre as relações ocorridas no espaço da cidade de Goiás, Souza Filho (1987) relata:

> Beco este que terminava numa pequena praça, apelidada de 'Covil das Mariposas'. Todas as casas foram construídas por Dr. José Neto de Campos Carneiro, que as alugava para soldados e mulheres de vida livre. Era reduto das 'prostitutas baratas' e local de constantes desordens e crimes (SOUZA FILHO, 1987, p. 116).

Em *Do beco da Vila Rica*, Coralina volta ao passado para revelar, nas origens, a função de preservar a intimidade das mulheres. Observamos a existência de uma relação entre o sentido original do beco e suas novas finalidades: serviam para esconder e segregar personagens considerados "inferiores" ou "secundários".

Contribuindo para a segregação feminina, além dos becos e dos portões, o xale e as janelas de tabuleta também "protegiam" a mulher. As mulheres, quando obtinham a autorização para circular na cidade, deveriam ser resguardadas pelo xale, escuro de preferência, que dissimulava "o busto, as formas, a idade" e caracterizava a submissão:

> Em colaboração com tais hábitos havia o xaile.
> Indumentária lusitana,
> incorporada ao estatuto da família.
> Xaile escuro, de preferência.
> Liso, florado, barrado, de listras.
> Quadrado. Franjas torcidas. Tecido fofo de lã.
> De casimira, de sarja, baetilha, seda,
> lã e seda, alpaca, baeta.
> Dobrado em triângulo. Passado pela cabeça.
> Bico puxado na testa.
> Pontas certas, caídas na cacunda.

> Pontas cruzadas na frente,
> enrolando, dissimulando o busto, as formas,
> a idade, a mulher (CORALINA, 2001a, p. 105-106).

Os relatos dos viajantes europeus no século XIX também contribuem para a visualização dessas relações, a exemplo do que escreveu Auguste de Saint-Hilaire:

> Durante o dia só se vêem homens nas ruas da cidade de Goiás. Tão logo chega a noite, porém, mulheres de todas as raças saem de suas casas e se espalham por toda parte. Geralmente fazem os seus passeios em grupos, raramente acompanhadas de homens. Envolvem o corpo em amplas capas de lã, cobrindo a cabeça com um lenço ou com um chapéu de feltro. [...] Algumas vão cuidar de seus negócios particulares, outras fazer visitas, mas a maioria sai à procura de aventuras amorosas (SAINT-HILAIRE, 1975, p. 54).

O francês amplia as informações do texto poético relatando que as indumentárias utilizadas pelas mulheres não serviam somente para o recato, mas para manter o anonimato: "não serem vistas" em seus "negócios particulares, visitas e aventuras amorosas". Revela também, assim como Coralina, que a noite era o horário preferencial de saída das mulheres, cobertas pelo xale e pela escuridão das ruas.

A importância do xale remete às lições de Norbert Elias (1994), em *O processo civilizador,* quando avalia a história dos costumes, os comportamentos típicos do homem "civilizado" ocidental e a relação entre personalidade e estruturas sociais. As mudanças da sociedade e da psicologia são analisadas a partir do estudo da evolução de atividades elementares, nas lentas modificações das maneiras como os indivíduos se comportam e sentem. O autor demonstra o rumo de uma "civilização" gradual, a exemplo do papel que esse processo exerceu nas transformações dos sentimentos de vergonha e delicadeza: "muda o padrão do que a sociedade exige e proíbe. Em conjunto com isto, move-se o patamar do desagrado e medo, socialmente instilados" (ELIAS, 1994, p. 14).

De acordo com esse entendimento, a obrigatoriedade do uso do xale teria sido abolida quando as mulheres conquistaram um padrão mais elevado de controle de impulsos. Seria uma

> relaxação que ocorre dentro do contexto de um padrão

> 'civilizado' particular de comportamento, envolvendo um alto grau de limitação automática e de transformação de emoções, condicionados para se tornarem hábitos (ELIAS, 1994, p. 186).

A poesia reflete uma temática constante na obra da poetisa: o elemento feminino. Quando não renunciavam ao casamento para cuidar dos pais, geralmente transferiam a dependência do pai ao marido, tendo sua atuação pautada quase que exclusivamente no ambiente doméstico.

Conforme afirma Perrot (1998, p. 10), o santuário masculino era o público e o político, e para as mulheres o privado, caracterizado por seu coração e por seu lar. Os homens tornaram-se "os senhores do privado e, em especial, da família, instância fundamental, cristal da sociedade civil, que eles governam e representam, dispostos a delegar às mulheres a gestão do cotidiano". Elas deveriam ser criadas para o casamento e por isso privilegiava-se a educação formal masculina. As mulheres que ousavam afrontar as regras sociais podem ser consideradas mulheres públicas: "depravada, debochada, lúbrica, venal, a mulher – também se diz 'a rapariga' – pública é uma 'criatura', mulher comum que pertence a todos" (PERROT, 1998, p. 7).

Pinheiro (2000) equipara Cora Coralina às mulheres francesas, na tentativa de resistência social à exclusão. Dialogando com autoras referências na área da história das mulheres e resistência feminina, a exemplo de Michelle Perrot, Ivia Alves, Clarissa Pinkola e Luíza Lobo, enfatiza que Cora Coralina desconstruiu o discurso arraigado das mulheres do século XIX e se tornou uma das precursoras da condição de mulher pública. A pesquisadora aponta a ousadia da poetisa ao trocar termos simbólicos do jardim (espaço doméstico) como rosas, violetas e miosótis; pelos termos do pasto (espaço público) como pau-ferro, aroeira, pau-brasil e cedro:

> Cora Coralina fez parte do grupo de mulheres que se bateram contra a postura hegemônica masculina e contra os limites impostos pelo machismo. Como elas, criou estratégias femininas para gerar possibilidades de resistência social à exclusão e fazer mudar a História. Como as francesas, Cora percebeu sua exclusão do espaço público e explicitou, em suas obras, seu papel social, em que são planteados problemas de práticas institucionais e da situação da mulher na sociedade, de ontem e de hoje (PINHEIRO, 2000, p. 77).

Segundo afirma Gonçalves (2004), no século XIX os valores reinantes consideravam que pureza, docilidade, moral cristã e maternidade, deveriam ser os predicados vinculados ao sexo feminino, qualidades que simbolizavam a responsabilidade de impregnar a vida social do bom e do belo. Para a autora, os argumentos médicos, teológicos e jurídicos contemplavam a desvalorização feminina pondo-lhe interdições de toda espécie e os discursos idealizavam um perfil centrado na docilidade, bondade e, principalmente, circunscrito ao espaço da casa. Consagravam-se argumentos contrários ao trabalho fora do lar e em prol do casamento como espaço para o exercício das funções femininas e de uma sexualidade sadia:

> Nesse processo de elaboração de padrões comportamentais femininos, a religião teve um papel fundamental. Afinal, o catolicismo, ao impor às mulheres o arquétipo da virgem e mãe, solidificou idéias veiculadas pela cultura vigente, instituindo como virtudes femininas a castidade e a abnegação. De acordo com essas elaborações, construídas pela sociedade e pela religião, a sexualidade feminina representava um grande perigo. Nesse sentido, a ideologia de caráter religioso regrava a sexualidade feminina; o sexo, para a mulher, tinha finalidade meramente reprodutiva, evitando excessos prejudiciais à saúde e à própria espiritualidade. [...] A partir do século XIX, a problemática sexual foi retomada em outro estilo e com novas finalidades. Trata-se da ingerência médica higiênica, que continuou a reprimir o prazer gratuito e irresponsável, mas passou a exaltar a sexualidade conjugal. [...] Nesse processo de ordenação, por comparação entre as diferenças, construiu-se uma imagem de fragilidade e delicadeza relativa à mulher e de vigor e força quanto à natureza masculina. Estabelecido o pressuposto científico de que a natureza feminina era intrinsecamente afetiva, portanto, inferior, iniciou-se um processo de caracterização sentimental da mulher, que resultou no traçado de um perfil que aglutinava características como: fraqueza, sensibilidade, doçura, indulgência, submissão, imaginação viva, fértil, mas fugaz. [...] A participação da mulher na vida pública era considerada incompatível com sua constituição biológica. As autoridades criavam e reproduziam argumentos contrários à presença da mulher em locais públicos. De fato, a mulher pública era associada à imagem da prostituta (GONÇALVES, 2004, p. 114-121).

Os poemas e contos de Cora Coralina testemunham e denunciam a situação feminina na sociedade goiana do século XIX e XX, descrevendo, por exemplo, a forma com que a arquitetura da cidade refletia a clausura destinada às mulheres com as janelas de tabuleta:

> Antigamente, as boas casas de Goiás tinham janelas de rótulas como tiveram todas as cidades coloniais deste imenso Brasil. Em Goiás sobreviveram por mais de dois séculos, sobrevivem ainda com velhos costumes domésticos que vão se diluindo através das gerações, ao tempo que as rotulasse modificam sem desaparecer de todo [...] Foram elas o documentário mais expressivo da segregação da fêmea dentro da casa senhorial. As de Goiás eram chamadas rótulas de tabuleta, de tabuinhas, de colocação horizontal, grampeadas num pino, vertical, móvel, com trincos e tramelinhas laterais, para abrir e fechar à vontade. As paredes onde se encaixavam essas janelas eram de notável espessura, como inda se vê em tantas casas. Comportavam internamente, dos lados, assentos lisos ou com almofadas onde as mulheres, mais comodamente, pudessem estar à rótula. Movendo trincos, pinos e tramelinhas era que a gente da casa via o pequeno mundo da cidade e tomava conhecimento de seus moradores (CORALINA, 2003, p. 85-86).

Da Matta, em *Carnavais, malandros e heróis* (1997), avalia que o processo de identificação do brasileiro remete a dois domínios sociais básicos: a casa e a rua. A categoria rua abarcaria o mundo com suas paixões e imprevistos; já a casa representaria um universo controlado. Enquanto a rua indicaria movimento e trabalho, a casa simbolizaria harmonia e descanso. O mundo da rua se aproximaria ao universo hobbesiano até que alguma hierarquização pudesse promover a ordem. Esses espaços permitiriam leituras diferenciadas e complementares da sociedade brasileira compreendida pelo autor como relacional. Cora Coralina, ao descrever a mulher goiana no universo da casa, se aproxima da compreensão do pesquisador e a mulher, dessa forma, assumiria o aspecto relacional ao interagir com a rua através das tabuletas: "viam sem ser vistas", "a gente da casa via o pequeno mundo da cidade [a rua]".

A constatação realizada a partir da análise do texto poético também é evidenciada por Da Matta, quando, em *A casa e a rua* (1997), afirma que a mulher tornou-se ente mediador por excelência. São mediatrizes e meretrizes (mediadoras), ligando o interno ao externo:

> a mulher é aqui fonte de elos entre os homens – todos os tipos de homens: jovens e velhos, inocentes e devassos, ricos e pobres. [...] Em outras palavras, a mulher é básica porque ela permite relacionar e, quase sempre, sintetizar antagonismos e conciliar opostos (DA MATA, 1997, p. 129-130).

O poema oferece um panorama da situação da mulher goiana, no século XIX, como "uma vítima da dominação masculina e prisioneira da educação tradicional que mantém a dominação" (MACHADO, 2002, p. 134).

Considerações finais

A partir de sua poética, Cora Coralina conseguiu revelar entraves acenados e negligenciados pela historiografia, descrevendo nas tematizações e denunciando através dos personagens, cenas e bastidores significativos à compreensão da sociedade goiana. Além da obra se constituir em representação da sociedade em Goiás entre os séculos XIX e XX, a própria vida da escritora, seu compromisso com os obscuros e sua crítica social, dentre outras características, justificariam inúmeras abordagens testemunhadas em sua herança.

O beco, local contraditório, além de acolher o lixo e as boninas da cidade, consiste em um lugar privilegiado na poética da autora por representar um limite físico e social. Coralina construiu em sua obra um canto de amor pelos marginalizados, característica que revela a dimensão moderna de seu projeto literário. Sua estratégia foi recontar a história de Goiás sob o olhar da periferia, do marginal. A autora registrou as práticas de violência simbólica destinadas a controlar as ações das mulheres de sua cidade. Mulheres que a voz de Cora Coralina conseguiu retirar do anonimato, resgatando-as da memória dos becos e inserindo-as na história do mundo.

Referências Bibliográficas

BITTAR, Maria José. *As três faces de Eva na Cidade de Goiás*. Goiânia: Kelps, 2002.

BRASIL. *Proposição da inscrição da Cidade de Goiás na lista do patrimônio mundial*. Brasília: Ministério da Cultura; Ministério das Relações Exte-

riores, 1999.

BRITTO, Clovis Carvalho. Das cantigas do beco: cidade e sociedade na poesia de Cora Coralina. *Sociedade e Cultura*. Goiânia: FCHF, Universidade Federal de Goiás, 2007. p. 115-130.

_____. *"Sou Paranaíba pra cá":* literatura e sociedade em Cora Coralina. 2006. 190f. Dissertação (Mestrado em Sociologia), Universidade Federal de Goiás, Goiânia.

BUENO, Vera. Cora Coralina, quem é você? *Correio do livro da UNB,* Brasília, n. 5, ago/set, 2002.

COELHO, Gustavo Neiva. *Goiás:* uma reflexão sobre a formação do espaço urbano. Goiânia: Ed.UCG, 1996.

CORALINA, Cora. *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*. 20. ed. São Paulo: Global Editora, 2001a.

_____. *O tesouro da Casa Velha*. 5. ed. São Paulo: Editora Global, 2001b.

_____. *Estórias da Casa Velha da Ponte*. 11. ed. São Paulo: Global Editora, 2001c.

_____. *Vintém de cobre*: Meias confissões de Aninha. 8. ed. São Paulo: Global Editora, 2001d.

_____. *Meu livro de cordel*. 10. ed. São Paulo: Global Editora, 2002.

_____. *Villa Boa de Goyaz*. 2. ed. São Paulo: Global Editora, 2003.

DA MATTA, Roberto. *A casa e a rua:* espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. 5. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

_____ *Carnavais, malandros e heróis:* para uma sociologia do dilema brasileiro. 6. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador:* uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

FONSECA, Vicente. Depoimentos de Cora Coralina – Fase de prospecção do filme *Cora Doce Coralina*. Cidade de Goiás, 1982.

GOMES, Melissa Carvalho. *No rastro de Cora:* da literatura ao desenvolvimento local, identidade e cultura com açúcar e literatura. 2004. 128f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Departamento de Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro.

GONÇALVES, Ana Maria. *Educação secundária feminina em Goiás:* intramuros de uma escola católica (Colégio Sant'Ana – 1915/1937). 2004. 220f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista. Araraquara.

MACHADO, Maria Cristina Teixeira. *Lima Barreto:* um pensador social na Primeira República. Goiânia: Ed.UFG; São Paulo: EdUSP, 2002.

PERROT, Michelle. *Mulheres públicas.* São Paulo: EdUNESP, 1998.

PINHEIRO, Suely Reis. *A palavra ecoa pelos becos da vida:* Cora Coralina, imagens, cheiros e cores na resistência social à exclusão. Disponível em: <http://www.amulhernaliteratura.ufsc.br/artigo_suely.htm>. Acesso em 25 out. 2006.

SAINT-HILAIRE, Auguste. *Viagem à Província de Goiás.* Belo Horizonte: Itatiaia, São Paulo: EdDUSP, 1975.

SOUZA FILHO, Eduardo Henrique de. *Canteiro de saudades:* evocações e memórias. Goiânia: Poligráfica, 1987.

YOKOZAWA, Solange Fiúza Cardoso. Confissões de Aninha e memória dos becos: a reinvenção poética da memória em Cora Coralina. *Anais do Terceiro Encontro de Professores de Letras do Brasil Central.* Brasília: Universidade de Brasília, out. 2002. CD-ROM.

Artigo recebido em agosto 2007 e aceito para publicação em novembro 2007.